

Moratória inquieta banqueiros

Washington (do correspondente) —

Atordoados com a intensificação dos rumores de uma suspensão dos pagamentos da dívida externa pelo governo Sarney, os grandes bancos particulares credores do Brasil adotaram uma posição de cuidadoso pessimismo nos últimos dias. Uma série de relatos nas primeiras páginas dos principais jornais americanos ajudaram a consolidar uma impressão geral de imobilidade do governo brasileiro diante da iminência de uma crise de câmbio.

Um banqueiro revelou o grau de preocupação que reina na comunidade financeira internacional caracterizando com uma frase cheia de significado o comportamento recente do governo: "Eles estão arrumando as mesas no convés do Titanic", disse ele. O Titanic afundou no início do século ao bater num iceberg, enquanto a maior parte de sua tripulação e passageiros comemoravam a viagem inaugural do navio.

A suspensão dos pagamentos passou a ser considerada inexorável desde o início do mês, quando foram conhecidos os resultados preliminares da balança comercial de janeiro, confirmando as projeções mais pessimistas das grandes instituições financeiras, públicas e privadas. Ao contrário da imagem que emissários do governo, como o ex-presidente do Banco Central, tentaram projetar em sua última rodada de contatos com os bancos em Nova Iorque, ficou então claro que a deterioração dessa balança verificada nos últimos meses do ano passado não era "apenas um acidente de percurso".

A partir de então, os bancos vêm tentando descobrir com que tipo de retórica o governo brasileiro vai anunciar a. Segundo um funcionário de uma dessas instituições de crédito, "quanto mais eles demoram em tomar uma decisão mais demonstram a confusão em que se encontram". Em sua última viagem, em janeiro, Fernão Bracher havia conseguido junto aos bancos uma extensão da primeira grande prestação da dívida neste ano para abril, a fim de que o governo tivesse tempo para reescalonamento da dívida junto aos bancos.

A demissão de Bracher e a fragmentação da aliança que dá base política ao governo Sarney parecem demonstrar aos analistas de assuntos brasileiros em Nova Iorque e Washington que além de econômicos os problemas têm também um componente político de difícil resolução a curto prazo.